

OS CÍRCULOS DE PAZ COMO ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO NO CUIDADO DE IDOSAS VÍTIMAS DE MALTRATO

Eliete Teles de Jesus Souza¹

Jéssica Silva da Paixão²

RESUMO

O envelhecimento, como último ciclo vital, ainda não é bem assimilado pela sociedade, pela família nem pelo próprio idoso, principalmente quando ocorre degeneração física, mental e emocional. O objetivo deste artigo foi discutir os Círculos de Construção da Paz, como estratégia de promoção no cuidado de idosos vítimas de maltrato. Abordou-se possibilidades de reflexão sobre como a velhice deve ser enfrentada pela família, e a necessidade de participação do idoso nas escolhas que são feitas para eles. Verificou-se que a comunicação não violenta, base dos processos circulares, oferece elementos para uma escuta ativa e amplia as possibilidades de discussão em tom saudável, resgatando memórias que implicarão em decisões mais tranquilas para a família que busca soluções de Paz. A metodologia utilizada nesse trabalho foi de natureza qualitativa, pesquisando livros e textos acadêmicos sobre o tema. De todo o estudo realizado, conclui-se que o envelhecimento no Brasil tem várias performances, mas em geral é uma problemática social e familiar a ser enfrentada. Por meio da técnica dos Círculos de Construção da Paz, os diálogos podem ser reconduzidos e a afetividade restaurada, pois todos têm voz para expressar sua vontade de forma respeitosa e tranquila.

Palavras-chave: Círculos de Construção de Paz; Envelhecimento; Família; Idoso; Sociedade.

1 INTRODUÇÃO

O Brasil não é mais considerado um país jovem, pois a população está envelhecendo. O desenvolvimento tecnológico, com redução/eliminação das doenças graves, além de outros fatores promotores da saúde física, mental e emocional, promovera uma geração longeva. A pirâmide etária se modificando à semelhança dos países desenvolvidos, porém, com muita rapidez. Entretanto, a sociedade não vem se preparando para enfrentar essa nova realidade.

O envelhecimento da população brasileira possibilita que, em algumas famílias, aconteça o convívio entre quatro gerações (bisneto, neto, pai, avô), o que

¹ Bacharel em Economia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), e Direito pela Universidade Católica do Salvador (UCSAL), Terapeuta Sistêmica de Família, Casal e Individual, Especializada em Gestão de Conflitos e Mediação Familiar. E-mail: elieteteles@hotmail.com

² Mestre em Família na Sociedade Contemporânea Universidade Católica do Salvador (UCSAL). Instrutora de Círculos de Construção da Paz e Justiça Restaurativa (Ajuris). Mediadora Judicial (CNJ). Professora de Mediação e Arbitragem do Centro Universitário UniRuy Wyden. Orientadora. E-mail: jessicapaixao.jus@gmail.com

poderia ser saudável e despreocupante, se o modelo familiar fosse semelhante ao do período colonial, onde os familiares partilhavam, geralmente, o mesmo ambiente físico. Porém, no modelo atual, onde as famílias formadas se afastam das famílias de origem, o envelhecimento é algo que surpreende, traz felicidade e riqueza de conhecimento para alguns lares e intranquilidade para outros.

O envelhecimento afeta a razão de dependência da população, que é representada pela relação entre os segmentos considerados economicamente dependentes (pessoas com menos de 15 e 65 anos ou mais de idade) e o segmento etário potencialmente produtivo (15 a 64 anos), que é a proporção da população que, em tese, deveria ser sustentada pela parcela economicamente produtiva (BRASIL, 2010).

A razão de dependência da população brasileira em 2018 foi de 44%. Isto significa que 44 indivíduos com menos de 15 e com mais de 64 anos dependem de cada grupo de 100 pessoas em idade de trabalhar (15 a 64 anos). Em 2039, a razão de dependência total deverá ser de 51,5%, quando a proporção de jovens (25,7%) e idosos (25,8%) se equivalerá. Essa proporção total deverá aumentar para 67,2% em 2060 (BRASIL, 2018).

A configuração estatística da dependência, em relação à idade, comporta desdobramentos que vêm estimulando estudos acadêmicos e demonstra a relevância do estudo de métodos adequados à solução de conflitos, que envolvam interesses da população idosa. Por conta dessa transformação que está acontecendo na sociedade, muitas medidas precisam ser tomadas em várias dimensões sociais, como: saúde pública, acessibilidade aos meios de integração, reeducação da família e da sociedade. A arquitetura precisa se inserir nesse processo para projetar núcleos residenciais adequados, a fim de que a população idosa possa viver e se desenvolver de forma autônoma.

Como todos os segmentos da população (crianças, jovens e adolescentes), os idosos requerem demandas específicas, desde a alimentação ao lazer. A sociedade se transforma constantemente e as relações familiares também vão sofrendo alterações influenciadas pelas mudanças sociais. No modelo de família patriarcal, tudo e todos faziam parte da família, bem provável que não existisse preocupação com o envelhecimento, pois os que conseguiam chegar à velhice, tinham proteção no seio familiar. Na atualidade, onde predomina o incentivo ao

individualismo, vem surgindo a preocupação e a pergunta de muitos idosos “quem vai cuidar de mim?”.

É preciso preparo físico e psíquico para enfrentar o processo de envelhecimento, as alterações funcionais e emocionais que surgem com o avanço da idade nem sempre são aceitas com tranquilidade; as limitações físicas podem ser objeto de lamento e cobranças ante a impossibilidade de ter autonomia para conduzir-se de acordo com a própria vontade.

O idoso saudável, independente, é diferenciado, ele pode conduzir sua vida da maneira que considerar melhor para si, sem se submeter a pressões familiares. Nesse trabalho a atenção será voltada para os idosos que sofrem algum grau de dependência, como física, financeira ou emocional. O envelhecimento geralmente produz reflexos no corpo físico, e redução da capacidade financeira, o que pode afetar e desestabilizar o emocional, causando desespero para o idoso e para a família. A situação fica mais complicada, quando em consequência das demandas por cuidados, há comprometimento da rotina familiar para atendê-las.

Com as demandas próprias existentes dos familiares, nem sempre há a possibilidade de ajustar a rotina da família às necessidades de cuidado do idoso. Atualmente, muitas pessoas têm criado ambientes, para o recebimento de idosos nessas condições. Essa possibilidade pode ser adequada para os familiares, mas reveste-se de violência para o idoso, ante o afastamento do seu núcleo familiar de suas memórias, mudando seu ritmo de vida, sua rotina. Essa situação torna-se mais agressiva ainda, quando o idoso não é consultado, quando não é partícipe da decisão. Esse afastamento do convívio familiar pode ser muito traumático, com possíveis produção de discórdias entre os familiares, pois nem sempre há um consenso para a medida escolhida. Considerando que é a pessoa idosa que vai sofrer as consequências com as medidas adotadas pela família, sua audiência é importante, seus sentimentos precisam ser apreciados, antes de concluir pelo que deve ser feito.

Muitos idosos são vítimas de maltrato e negligência. A mídia sempre informa sobre situações constrangedoras às quais eles são submetidos, não apenas com pessoas desconhecidas, mas por ações praticadas pelos próprios membros de sua família. Como forma de minimizar as discriminações sociais e os maus tratos praticados contra as pessoas idosas, em 1º de outubro de 2003, foi editada a Lei nº 10.741, O Estatuto do Idoso.

Nesse sentido, o presente estudo, partiu da hipótese que a geração contemporânea não sabe lidar com o envelhecimento, o rejeita o máximo que pode, sem buscar contato com as sinalizações do tempo e, conseqüentemente, quando uma pessoa idosa passa de ativo para dependente, a homeostase existente é abalada, há desequilíbrio nas relações familiares e sociais, pois os valores que sustentavam aquelas relações são alterados.

A centralidade do trabalho será a utilização do Círculo de Construção da Paz, com o método sistematizado pela autora americana Kay Pranis, como instrumento de restabelecimento do diálogo na família, permitindo que os papéis sejam desempenhados com dignidade e que o idoso possa exercer o seu direito de decidir sobre sua vida, além de resgatar a importância do avô e da avó na construção emocional dos netos. Assim, tomou-se como objetivo principal deste estudo discutir os Círculos de Construção da Paz, como estratégia de promoção no cuidado de idosos vítimas de maltrato.

A metodologia utilizada para a confecção do trabalho foi de uma abordagem de natureza qualitativa com o emprego dos procedimentos de revisão de literatura e revisão legislativa. De acordo com Minayo (2015), metodologia é a fusão de duas situações: o caminho que persegue o pensamento e a prática exercida para abordar a realidade.

2 ENVELHECER: PERSPECTIVAS PARA OS IDOSOS DO SÉCULO XXI

O temor do envelhecer é algo que assoma à mente das pessoas adultas de meia idade, e com isso buscam formas para prolongar a juventude, esquecendo-se de entender e de se preparar para a futura condição de idoso (a). Esse temor de viver a fase última da vida, essa negação ao processo de envelhecimento impede o preparo para medidas preventivas que devem ser tomadas, a fim de alcançarem um envelhecimento saudável. À medida que se vai negando uma condição que se aproxima e é inevitável, por querer permanecer indefinidamente em outra, que se transforma em uma ilusão, provavelmente, esse comportamento, produzirá desequilíbrios no sistema familiar, pelo fato das necessidades se instalarem sem que tenha havido um preparo prévio para atendê-las. É salutar que haja um preparo

para o envelhecimento, através de programas educacionais que conscientizem sobre essa etapa da vida.

Em estudo realizado por Mari et al. (2016) com adultos e idosos, foi evidenciado por parte de alguns idosos as limitações físicas, enquanto os adultos estão mais preocupados com a estética e o convívio social; os adultos de meia-idade preferem não pensar no envelhecimento, mencionando ter receio das mudanças estéticas, provenientes do próprio avançar da idade.

Nesse sentido, as autoras apontam que:

[...] é fundamental que as pessoas possam enfrentar esse processo para, com isso, investirem nas ações necessárias a um envelhecer saudável. A longevidade é uma preocupação frequente na sociedade e está relacionada com as capacidades físicas. As melhorias nas condições de vida contribuem para o aumento da população de mais idade. Entretanto, ao mesmo tempo em que as pessoas querem viver mais, negam o envelhecimento (MARI et al., 2016, p. 40).

No olhar de Camarano (2018), a população brasileira está modificando o perfil e o que se apresenta agora é o resultado de uma fórmula em que se combina expectativa de vida aliada ao fato de que as pessoas jovens não estão dispostas a ter filhos como antes. Esse fenômeno traz consequências, sendo que uma das principais remete a uma das perguntas mais ouvidas na atualidade “quem vai pagar a conta da previdência?” “E, quem vai cuidar dos idosos ‘frágeis e acamados?’”. A autora afirma que a vida futura dos idosos necessita de revisão nas políticas públicas, pela necessidade de investimentos em três áreas básicas: educação, saúde e segurança. A faixa de idosos centenários vem crescendo, já deixando de ser novidade, deixou apenas de ser ocorrência exclusiva de países desenvolvidos.

Para Kalache (2018), a questão da previdência é preocupante e acena que no futuro, o Brasil estará semelhante ao Japão; o autor assinala que Hong-Kong percebeu sua riqueza aumentar dez vezes em 50 anos, entretanto, 33% de seus idosos vivem abaixo da linha da pobreza. Muitos dos idosos japoneses que contribuíram para a riqueza do país, hoje estão desamparados.

Há preocupações para alguns, em relação às consequências que o volume de envelhecimento poderá gerar no PIB, mas, segundo Camarano (2018) não existe um consenso da literatura a esse respeito, muitos acreditam que os idosos podem permanecer no mercado de trabalho por muito tempo. Mesmo considerando-se que o idoso tenha mais dificuldade para acompanhar as mudanças tecnológicas e com

isso tende a desenvolver atividades com maior lentidão, o que ensejaria redução na produtividade. A permanência dos idosos no mercado de trabalho requer treinamento desse segmento populacional, isto porque o avanço tecnológico é constante, as rotinas se modificam continuamente, demandando pessoas qualificadas para ocupações consideradas simples.

Apesar de a tecnologia estar substituindo a tradição oral, as experiências individuais, as emoções particulares não estão armazenadas em pen drives, estão nas memórias e podem transformar muitas relações. Nesse diapasão, a Organização das Nações Unidas (ONU) consagrou o dia 1º de outubro ao idoso. O objetivo principal das comemorações realizadas nesse dia é mostrar para o mundo que a velhice é um estado natural da vida, todos os que não morrerem vão envelhecer, essa fase da vida deve ser considerada como patrimônio cultural e social.

A ONU tem o propósito de articular o envelhecimento nas iniciativas de promoção do desenvolvimento econômico e social, na agenda dos direitos humanos, por isso, confere aos meios de comunicação um papel de destaque, pelas imagens de envelhecimento que são promovidas. Através desses recursos midiáticos pode-se promover mudanças nos comportamentos e atitudes relacionados com a velhice (CASTRO, 2018). Percebe-se a intenção, nas campanhas publicitárias, de apresentar o idoso em dimensão diferente do que ocorria no passado, mostrando que estão vivendo nova fase de vida, isso influencia até a criação de papéis em filmes e novelas como a utilização de astros idosos em papéis principais, como Antonio Fagundes, Susana Vieira e Anthony Hopkins.

Dentre os papéis que o processo de envelhecimento destina para os idosos, o de avós é de grande responsabilidade e leveza, pois, através dos netos eles se reinventam, se mantêm vivos. Para Rabinovich, Moreira e Franco (2012) as avós sucedem aos pais na importância dos papéis familiares e há mais uma interdependência emocional do que econômica/funcional com relação à criança. É de fundamental importância à participação dos avós na vida das crianças, que aprendem com eles as diversas dimensões da vida, com coexistência de diversidades. Os avós costumam se fazer presentes na vida dos netos pela transmissão de histórias de vida e informações que auxiliam na formação e na construção da identidade deles.

Citando Camarano (2018, p. 15), “[...] o século 21 é o século do envelhecimento. [...] Mudanças na estrutura etária são semelhantes às mudanças climáticas: sempre aconteceram, mas são suas causas, sua aceleração e sua direção que preocupam tanto os cientistas quanto os formuladores de políticas”. A aceleração do envelhecimento tem relação direta com a queda da mortalidade e a redução da fertilidade.

Entretanto, a sociedade está lentamente começando a despertar para as consequências dessa nova realidade, para as demandas desse segmento da população, que tem suas peculiaridades, como qualquer outro segmento e estão se refletindo principalmente no ambiente familiar.

Ante a inabilidade por parte da família e da sociedade, na forma como lidar com a transformação do ser humano, que passa de autônomo a dependente, muitas vezes sendo humilhado e recebendo tratamento indigno, o Estado criou normas de conduta e de proteção para essa classe social, sendo a principal, o Estatuto do Idoso.

O Estatuto do Idoso, criado mediante Lei nº 10.741 de 1º de outubro de 2003, objetiva minimizar as dificuldades enfrentadas pelos idosos, homens e mulheres com idade acima de 60 anos, no ambiente familiar e na sociedade, mantendo-os integrados e participativos de forma digna, garantindo-lhe o convívio familiar e social. Citados aqui apenas os três primeiros artigos, que traduz a ideia matriz de todo texto legislativo:

Art. 1º É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos.

Art. 2º O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade.

Art. 3º É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 2003).

Alguns benefícios socioeconômicos garantidos pela lei brasileira, já foram implementados para os cidadãos a partir dos 60 anos de idade, tais como, preferência nas filas de pagamentos, isenção de pagamento de passagens de ônibus urbanos, metropolitanos e interestaduais, direito ao benefício de um salário mínimo mensal, independentemente de ter contribuído para o sistema previdenciário, dentre outros.

Entretanto, mesmo com a efetividade dessa norma jurídica, muitos idosos em situação de dependência, são vítimas de abusos e exploração na sociedade e na família, desde a destinação dada ao dinheiro que recebem de sua aposentadoria, à remoção do ambiente familiar para serem colocados em locais estranhos e por vezes inadequados, sem que possam participar da decisão que vai modificar sua vida.

2.1 FAMÍLIA, VIOLÊNCIA E ENVELHECIMENTO

A família sofre as ações que alteram as relações sociais, ela não fica imune aos processos que atingem a sociedade, pois ela é um núcleo social. A família é um sistema mutável que não pode ser considerado como pronto e acabado. Dessa forma, os padrões de comportamento, no ambiente familiar da atualidade, tendem a ser totalmente diferentes dos padrões do ambiente familiar da era patriarcal.

De acordo com Petrini (2003, p.70) “As relações entre as gerações na família estão orientadas, em princípio, à cooperação, à reciprocidade afetiva, à responsabilidade recíproca e ao acolhimento gratuito”. Entretanto, com as mudanças ocorridas na sociedade e conseqüentemente alterações nas relações familiares, o convívio, as proximidades podem ser motivadores de conflitos. Petrini (2003) ensina sobre essa dificuldade de relacionamento entre as gerações e diz que, quanto mais próximas as pessoas estão, maior a liberdade para se relacionar, o que aumenta a possibilidade de entrar em conflito. Então, o individualismo que rege os comportamentos na atualidade, traz a dificuldade de convivência entre as gerações.

Para Minayo e Gomes (2015 p. 12), “As sociedades vivem o presente marcado por seu passado e é com tais determinações que constroem seu futuro, numa dialética constante entre o que está dado e o que será fruto de seu protagonismo”. Dessa forma, o envelhecimento é parte natural do ciclo vital e as transformações que acontecem na família têm relação direta com sua

ancestralidade, que assim como influencia o seu presente, contribui para a formação do seu futuro.

Em levantamento realizado junto ao Ministério da Justiça e Cidadania, em 2018, a mídia deu conhecimento público de alguns dos tipos de violência que incidiam contra idosos, tomando como exemplo o estado de Goiás. Os resultados foram deveras alarmantes, porque espelha intolerância com que são tratados muitos idosos carentes, 77% (setenta e sete por cento) dos casos de denúncia são por negligência, 51% (cinquenta e um por cento), são casos de violência psicológica, 38% (trinta e oito por cento) são casos de abuso financeiro e econômico ou violência patrimonial e 26% (vinte e seis por cento) são casos de violência física e maus tratos. É dito no texto jornalístico que os idosos dependentes de filhos são os mais vitimados por negligência e maus tratos (BRASIL, 2018).

A situação de intolerância ante a velhice precisa ser considerada pela sociedade, por ser algo real, sob pena de desencadear-se cada vez mais desagregações em núcleos familiares.

3 CÍRCULOS DE CONSTRUÇÃO DA PAZ COMO ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO NO CUIDADO DE IDOSOS E VÍTIMAS DE MALTRATO

O homem sempre buscou a paz e a cada vez ela parece ser inacessível, pois no afã de encontrá-la, foram desenvolvidos métodos que não revelaram efeitos sociais positivos, e até pode-se dizer que causaram danos (ROSENBERG, 2016). Essa realidade pode ser constatada em todos os setores da vida, desde o da saúde até o de repressão à violência. Na repressão à violência, foram criadas ferramentas consideradas cruéis, mas que não trouxeram a tranquilidade que a sociedade buscava. Na contemporaneidade, novos caminhos vêm sendo explorados para consolidar a paz com base no diálogo, na reflexão e na escuta das partes envolvidas, buscando alcançar a compreensão e, se possível, o restabelecimento das relações (PRANIS, 2010).

Apesar das amplas possibilidades de comunicação, há uma dificuldade enorme nesse meio de integração humana e por consequência, muitos problemas são desencadeados nos ambientes sociais, escolares, de trabalho e familiar, desestabilizando relações, pela geração de problemas de insegurança e infelicidade.

O autor Marshall Rosenberg, criador do método da Comunicação Não-Violenta (CNV), dedicou a maior parte da sua vida, buscando descobrir as causas da violência no mundo e oferecendo meios de se superar o conflito através da utilização de um tipo de comunicação pacífica, na qual as pessoas pudessem ouvir e sentir as mútuas necessidades e dessa forma, encontrarem o melhor caminho para resolver suas próprias dificuldades. Ele observou e catalogou informações sobre o comportamento das pessoas ante as agressões sofridas.

A partir dessas observações foi construindo uma abordagem específica da comunicação, mostrando como é possível estabelecer e manter relacionamentos saudáveis, através de uma escuta e uma fala que partem do coração, estimulando a compreensão e o amor que segundo ele, todos têm dentro de si. Segundo Rosenberg (2006, p. 21), “A CNV se baseia em habilidades de linguagem e comunicação que fortalecem a capacidade de continuarmos humanos, mesmo em condições adversas”.

De acordo com o autor, a forma de mantermos nossa condição de humanos é desenvolvendo a comunicação não violenta, o que corresponde a deixar de integrar a categoria de humanos propriamente dita, caso não se afaste desse tipo de comunicação. Por sua proposta inserida na afirmação, entende-se que, ao perceber o homem com natureza compassiva, Rosenberg (2006) acredita que ao desenvolver comunicação violenta, o homem está contrariando a própria natureza. Ele chama a atenção para a forma de comunicação desenvolvida pelas pessoas, para a carga de agressividade contida nas palavras, o que não raras vezes induzem à mágoa, seja para os outros, seja para si mesmo. Isso acontece mesmo quando não se percebe a forma como a fala está sendo processada.

A CNV acontece com a mudança de comportamento em relação à forma como se trata o outro. Tem que haver entrega, através da escuta ativa, é preciso escutar o outro dando-lhe atenção e perceber suas necessidades. Os relacionamentos são vistos sob novo prisma quando utilizamos a CNV dentro dos seus princípios básicos, dando atenção para as nossas necessidades gritantes e desenvolvendo empatia para ouvir com amor as necessidades do outro (ROSENBERG, 2006). Essa atitude implica em abandonar padrões antigos de comportamento, vícios intrincados, fazer a substituição por atitudes que permitam a percepção mútua e acolhimento recíproco.

A sociedade está trazendo de volta uma prática usada no passado e que apresentava bons resultados para administrar os conflitos emergentes. “Nossos

ancestrais se reuniam num círculo em torno do fogo. As famílias se reuniram em volta da mesa da cozinha durante séculos. Hoje a Comunidade está aprendendo a se reunir em círculo para resolver problemas, apoiar uns aos outros, e estabelecer vínculos mútuos” (PRANIS, 2010, p.15).

Os chamados Círculos de Paz são práticas restaurativas, que buscam reequilibrar o que se encontra em desarmonia. Nesses círculos obtêm-se, através do estabelecimento de uma comunicação não violenta, formas de solucionar os conflitos existentes ou emergentes, restaurando a paz e a confiança, com segurança e conforto para os envolvidos. Utiliza-se os princípios da Comunicação Não-Violenta.

[...] a CNV muito ajudou a evidenciar as formas mais sutis de violência que contaminam nossa linguagem e reverberam negativamente nos relacionamentos, debilitando laços sociais e fragmentando comunidades. Ao mesmo tempo, estudos e práticas de Justiça Restaurativa permitiram perceber o quanto o déficit de coesão social daí resultante, agravado pela nossa dificuldade de oferecer *feedbacks* e de promover responsabilidade de maneira confiável e respeitosa, acaba por tornar nossas comunidades mais instáveis e conseqüentemente menos seguras (PRANIS, 2010 p. 04).

Tudo o que somos está conectado e voltará para nós, por isso é necessário que haja união para se buscar, em conjunto, a melhor solução (PRANI, 2017). É preciso ter abertura para perceber onde se encontra o bom no outro, e com isso se estará cada vez mais aberto e com curiosidade suficiente para descobrir o que causa dor no outro. Através dos círculos resgata-se o valor da união, da conexão, da inter-relação entre as partes.

O impacto do Círculo na vida das pessoas é relevante, pois o encontro e a oportunidade de diálogo provocam uma mudança positiva. O ato de dar, causa felicidade e crescimento além de esperança quando já se havia desesperançado. É através do círculo que é descoberto o melhor de cada um, oferecido e visto. Daí os conflitos tendem a reduzir e os que surgem são administrados dentro do próprio grupo. Os relacionamentos tendem a melhorar com a prevenção de comportamentos violentos “Quando se usa o círculo sistematicamente, da forma que for, vemos essas melhorias no comportamento e na qualidade das relações das pessoas que trabalham juntas³”.

³ Ibid.

Pela sua característica e propósito, essa prática deve ser utilizada onde há carência é mais visível, logo vê-se as comunidades onde há mais escassez de recursos, que pela própria forma de existência não têm voz. No círculo não há desigualdade, nem estrutura hierárquica, cada um tem o seu valor intrínseco. No círculo, todos podem ser ouvidos, podem expressar suas necessidades. Tratar questões em círculos é desenvolver a escuta, a empatia, a compaixão e a cura. “Mas o processo é o mesmo em todos os lugares, pois envolve a busca pelo menos na natureza humana, que é a mesma em todos os lugares. É um processo fundamental que não muda muito de lugar para lugar ou nas suas diferentes aplicações”⁴.

A forma como se desenvolve uma comunicação pode desencadear crises nos relacionamentos. A forma de falar pode induzir mutuamente a mágoas, a dor, para as pessoas que estão no processo comunicacional. A comunicação autoritária, agressiva, é passível de provocar no interlocutor descarga de raiva, de rebeldia. A fala tranquila, suave, convida para a escuta e a observação. Através do trabalho de Rosenberg, Pranis pode observar como a linguagem é contaminada pela violência e os relacionamentos se tornam frágeis e inseguros. É fácil observar em núcleo familiar onde impera os princípios patriarcais como a linguagem é vertical e intimidativa, gerando relacionamentos de afastamento e revolta.

Qualquer pessoa que esteja envolvida no conflito pode participar do círculo, voluntariamente, sem imposição, desde que sinta vontade de participar e que tenha conhecimento do assunto que será tratado no círculo. As pessoas não podem ser forçadas a passar pela experiência do círculo, pois os resultados não seriam satisfatórios para os interessados na solução do conflito. A participação deve ser sempre espontânea.

Em algumas famílias, principalmente naquelas onde os idosos apresentam grau de dependência física, emocional ou financeira, é possível verificar-se casos de violência, na maior parte das vezes emocionais, que são mais constrangedoras devido à condição de quem sofre o ato. A individualização que caracteriza a contemporaneidade estimula o egoísmo à centralização em si mesmo, procurando afastar-se de qualquer situação que lhe cause dor, ou comprometa seus interesses.

⁴ Ibid.

O Círculo de Construção da Paz pode ser utilizado como instrumento transformador nos núcleos onde a violência se evidencia, reduzindo os casos de maus tratos aos idosos em situação de dependência. À medida que os integrantes da família fossem percebendo o que motivava o comportamento considerado inadequado para o idoso, eles poderiam se tornar capazes de descobrir outras maneiras de lidar com a situação, de forma mais humana. A linha dialógica como o Círculo se desenvolve, dando voz a todos de forma linear, sem hierarquização de posições, permitiria a exteriorização das dores, mas também, certamente, poderiam surgir efusões de amor que estavam permeando, sem autorização para se expressar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as pesquisas realizadas para elaboração desse artigo, evidenciou-se a problematização para o envelhecimento no Brasil. Vários estudos estão sendo desenvolvidos nessa linha e há preocupação crescente com as consequências do envelhecimento na contemporaneidade, desde a questão previdenciária à situação de maus tratos dos idosos em situação de dependência, dentro do próprio ambiente familiar.

Há idosos que podem levar uma vida ativa, sem problemas familiares, com capacidade para gerir sua vida e sua conta bancária. Esses fazem parte de um grupo à parte, no qual a maioria se recusa a aceitar o envelhecimento, são elogiados pelas muitas atividades que realizam, e são referências e motivo de orgulho para a família. Eles são os frequentadores de academia, clientes de agências de turismo, frequentadores de salão de beleza e pacientes de cirurgiões plásticos.

Entretanto, o idoso dependente quer emocionalmente, quer fisicamente, quer financeiramente, precisa de um olhar diferenciado por parte da sociedade. Pois este segmento da população, precisa receber em retorno, ao menos um pouco da sua participação no capital social.

A família é uma instituição em construção, ela se modifica constantemente, sofrendo os influxos da trama social. Cada família tem seu perfil, suas crenças, seus valores e suas demandas. A tessitura é elaborada ao longo de um tempo, e não pode ser rompida bruscamente sem causar dores. As mudanças sociais não se instalam imediatamente, demandam tempo para serem assimiladas.

Ao envelhecer sem um prévio conhecimento das consequências físicas, psicológicas, financeiras e emocionais, a pessoa pode ter sérios traumas que vão afetar a sua vida e as relações familiares. A falta de preparo, pode implicar em demandas seríssimas às quais os membros da família nem sempre têm possibilidades para atender. Essas situações são desencadeadoras de conflitos, com fortes repercussões no ambiente familiar e na sociedade.

Os Círculos de Construção de Paz, desenvolvido por Kay Pranis, é uma ferramenta hábil a ser utilizada como mecanismo de aproximação familiar, prevenindo e/ou solucionando conflitos, através da compreensão obtida em diálogos horizontais, com participação voluntária dos interessados em ter um lar harmônico.

O Círculo é uma ferramenta hábil para que os integrantes da família tomem consciência do que se passa efetivamente no ambiente familiar, e assim descubram o quê e como fazer para promoverem um diálogo franco e construtivo entre seus membros, estimulando o interesse de colaborar para a obtenção do melhor resultado para todos. Através do Círculo é possível ativar sentimentos que estavam adormecidos, bem como evidenciar o tipo e qualidade do jogo que a família está jogando, para que seus integrantes encontrem com responsabilidade e de forma colaborativa, a melhor solução para a situação que no momento está causando desestabilização no sistema familiar.

A referida autora discute o fator inclusão. O Círculo realizado em um ambiente familiar inseguro para o idoso, pode despertar os participantes para a inclusão do mesmo, e dessa forma, construir um ambiente de partilha e participação. Quando as pessoas se dão as mãos, há um fluxo de energia positiva que vibra na abertura do coração, amplia o olhar para as questões e a escuta se torna mais amorosa.

Nos círculos há oportunidade de se contar as histórias, e o idoso é detentor de muitas histórias, por vezes desconhecidas pela família. A memória passada é acessada com mais facilidade, e como cada um tem o direito de contar a sua história e ser ouvido, ele também vai poder contar sua e ser escutado com o respeito que foi estabelecido previamente. À proporção que se conta histórias ocorre uma escuta interna e muitos conteúdos vão surgindo e ressignificando outros conteúdos já elaborados. Nesse ouvir o outro e se ouvir vão acontecendo a transformação e a cura.

O fator determinante do Círculo nessa dimensão proposta, é a possibilidade de minimizar os traumas familiares decorrentes das demandas do idoso em situação de dependência. Através do Círculo, é possível encontrar a melhor solução, que atenda a todos, dentro de uma nova configuração para solucionar ou evitar o surgimento de conflitos, que causam danos irreparáveis à estrutura familiar.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, T.; RABINOVICH, E. P. Retratos da avó na literatura infantil contemporânea de Ana Maria Machado e Ruth Rocha. **Psicologia USP [Online]**, 23(1), 211-31. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v23n1/v23n1a11.pdf>>. Acesso 20 de março de 2019.

BRASIL. IBGE: 2010. **Estatística da População: condição de vida – indicadores mínimos**. Disponível: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresminimos/conceitos.shtm>. Acesso 20 de março 2019.

BRASIL. IBGE: 2018. **Projeção da População 2018: número de habitantes do país deve parar de crescer em 2047**. Disponível: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-salade-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/21837-projecao-da-populacao-2018-numerode-habitantes-do-pais-deve-parar-de-crescer-em-2047>>. Acesso 20 de março de 2019.

BRASIL. **Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Presidência da República Casa Civil - Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm>. Acesso em 02 de abril de 2019.

CASTRO, G. “Velho é seu preconceito” comunicação e consumo em tempos de longevidade. São Paulo: **Revista da ESPM**, Ano 24, Edição 113, nº4. 2018.

CASTRO, M. G; MOREIRA, L. V. C. **Dinâmica familiar do cuidado: afetos, imaginário e envolvimento dos pais na atenção aos filhos**. EDUFBA, 2012.

KALACHE, A. O velho gerúndio do envelhecimento. São Paulo: **Revista da ESPM**, Ano 24, Edição 113, nº4. 2018.

MINAYO, M.C.de S. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 34ª edição. 2015.

PETRINI, J.C. **Pós Modernidade e Família: um itinerário de compreensão**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

PRANIS, K. **Palestra “A Justiça Restaurativa serve para lembrar quem nós realmente somos”**. 2017. Disponível em: <<http://esmec.tjce.jus.br/kay-pranis-a-justica-restaurativaserve-para-lembrar-quem-nos-realmente-somos/>>. Acesso em 02 de abril de 2019.

PRANIS, K. **Palestra Kay Pranis leva sua experiência para workshop**. 2018. Disponível em: <<http://www.tjmt.jus.br/Noticias/54240#.XKaPVVKiUk>>. Acesso em 03 de abril de 2019.

PRANIS, K. **Palestra “Reconhecer a dor causada dói mais do que ser punido”**. 2018. Disponível em:
<<https://www.jornaldocomercio.com/ conteudo/geral/2018/08/645575reconhecer-a-dor-causada-doi-mais-do-que-ser-punido--diz-pranis.html>>. Acesso em 02 de abril de 2019.

PRANIS, K. **Processos Circulares**. São Paulo: Palas Athena, 2010.

MARI, F et al. **O processo de envelhecimento e a saúde: o que pensam as pessoas de meia-idade sobre o tema**. 2016. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/rbqg/v19n1/pt_1809-9823-rbqg-19-01-00035.pdf>. Acesso em 03 de abril 2019.

ROSENBERG, M. **Comunicação Não-Violenta**. São Paulo: Ágora, 2006.